



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

OHANNAH GALDINO DE ALMEIDA

**A CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA DE CLARICE LISPECTOR PARA O
JORNALISMO BRASILEIRO: UMA LEITURA DAS CRÔNICAS “AS CRIANÇAS
CHATAS” E “DAQUI A VINTE E CINCO ANOS”**

CAJAZEIRAS – PB

2023

OHANNAH GALDINO DE ALMEIDA

**A CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA DE CLARICE LISPECTOR PARA O
JORNALISMO BRASILEIRO: UMA LEITURA DAS CRÔNICAS “AS CRIANÇAS
CHATAS” E “DAQUI A VINTE E CINCO ANOS”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúgia Regina Calado de Medeiros Nóbrega

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

A447c Almeida, Ohannah Galdino.
A contribuição literária de Clarice Lispector para o jornalismo brasileiro: uma leitura das crônicas “As crianças chatas” e “Daqui a vinte e cinco anos” / Ohannah Galdino de Almeida. - Cajazeiras, 2023.
45f.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros Nóbrega.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.

1. Análise literária. 2. Crônicas brasileira. 3. Lispector, Clarice - Produção literária. 4. Leitura de crônicas. 5. Jornal brasileiro – histórico. 6. Jornalismo e literatura- elo. I. Nóbrega, Lígia Regina Calado de Medeiros.
II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 82.09

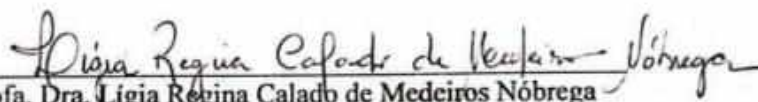
OHANNAH GALDINO DE ALMEIDA

**A CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA DE CLARICE LISPECTOR PARA O
JORNALISMO BRASILEIRO: UMA LEITURA DAS CRÔNICAS “AS CRIANÇAS
CHATAS” E “DAQUI A VINTE E CINCO ANOS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 19 / 06 / 2023

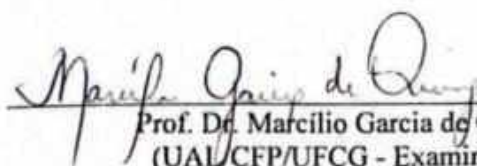
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Ligia Regina Calado de Medeiros Nóbrega
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

Dedico este trabalho à minha mãe, Marluce de Almeida Galdino (in memoriam), e ao meu pai Francisco Galdino Filho.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Uno e Trino, fonte da vida e da graça, o meu agradecimento primordial;

À Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, *Campus* Cajazeiras, seu corpo docente, direção e administração, pela contribuição substancial para minha formação;

À professora orientadora, Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros Nóbrega, por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional;

À professora Francisca de Fátima Francelino (*in memoriam*), pela confiança e credibilidade em minha pessoa, durante toda a jornada de estágio, e, pelo carinho, cuidado, companheirismo e mútuo aprendizado de vida, durante nossa convivência no campo pessoal e profissional.

“Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o Jornal do Brasil, eu só tinha escrito romances e contos. Quando combinei com o jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo. Um amigo que tem voz forte, convincente e carinhosa, praticamente intimou-me a não ter medo. Disse: escreva qualquer coisa que lhe passe pela cabeça, mesmo tolice, porque coisas sérias você já escreveu, e todos os seus leitores hão de entender que sua crônica semanal é um modo honesto de ganhar dinheiro. No entanto, por uma questão de honestidade para com o jornal, que é bom, eu não quis escrever tolices. As que escrevi, e imagino quantas, foi sem perceber”.

(LISPECTOR, 1999, p. 113).

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar a contribuição literária de Clarice Lispector para o jornalismo brasileiro, através da sua linguagem poética, plural e contextualizada, inserida em seu tempo e envolvida com os aspectos político-culturais do Brasil, que estava sob o regime militar no período de 1968 a 1973. Dessa forma, pretende-se partir de um recorte temático sobre duas crônicas voltadas para a sua preocupação com as causas sociais e, segundo a escritora, a necessidade mais urgente do Brasil na época: a problemática da fome. Esses textos estão reunidos no livro *A descoberta do mundo*, volume que serve como ponto de partida e base para a nossa pesquisa. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, apoiada na análise do gênero textual, com abordagem qualitativa. A partir desses textos, busca-se ressaltar a preocupação da jornalista com a vida através de suas palavras, ou seja, como ela apresenta-se comprometida com o homem e com a realidade do homem. Para tal, a investigação fundamenta-se em autores como Sá (1985), Candido (1992), Coutinho (1996), Moisés (1967), Gotlib (1995), Borelli (1981), Moser (2017), entre tantos que contribuíram de forma significativa para essa pesquisa. Como resultado, destacamos que Clarice Lispector, ao enveredar pela crônica jornalística, passeia entre a ficção e o cotidiano – usando uma linguagem poética em prosa – sem desviar, todavia, do seu compromisso de informar, além de praticar sua atitude questionadora para tratar de assuntos aparentemente prosaicos que, no entanto, revelam o posicionamento da autora com relação à sociedade brasileira da época.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Crônica. Fome. Análise Literária.

ABSTRACT

This work objective it's to analyze the contributions of Clarice Lispector literature for the Brazilian journalism, through her poetic, plural and contextualized language, inserted and involved with the political-cultural aspects of Brazil in her time, which was under the military political regime from 1968 to 1973. Therefore, it' intended to start from a thematic focus in two chronicles that treat about her concern for social causes and, according to her, the most urgent need in Brazil at the time: the problem of hunger. These texts are gathered in the book *Descobrimo o mundo*, that will serve as a starting point and basis for our research. The applied methodology was bibliographical research, supported by literature gender analysis, in a qualitative approach. From these texts, it's searched to emphasize the journalist's concern with life, through her words, that is, how she presents herself as committed to mankind and to the reality of mankind. To this, the investigation is based on authors such as Sá (1985), Candido (1992), Coutinho (1996), Moisés (1967), Gotlib (1995), Borelli (1981), Moser (2017), among the many who have contributed significantly for this research. As a result, we highlight that Clarice Lispector, when embarking on the journalistic chronicle, walks between fiction and everyday life – using a poetic language in prose – however, without deviating from her commitment to inform, in addition to practicing her questioning attitude to deal with issues apparently prosaic that, regardless, reveal the author's position in relation to Brazilian society at the time.

Keywords: Clarice Lispector. Chronicles. Hunger. Literary Analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA CRÔNICA NO BRASIL.....	12
2.1 CRONISTAS QUE MARCARAM ÉPOCA.....	17
2.2 O ELO ENTRE JORNALISMO E LITERATURA.....	20
3 A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CLARICE LISPECTOR: O JORNAL E A CRÔNICA.....	23
3.1 HISTÓRICO SOBRE O JORNAL DO BRASIL.....	23
3.1.1 Clarice Jornalista	28
3.1.2 Clarice Cronista	31
4 LEITURA DAS CRÔNICAS “AS CRIANÇAS CHATAS” E “DAQUI A VINTE E CINCO ANOS”	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Clarice Lispector (1920-1977) é considerada uma das mais respeitadas e notáveis escritoras do século XX. Desde a publicação de *Perto do Coração Selvagem*, em 1943, um livro diferente de qualquer romance que já havia sido escrito no Brasil, a ficção da autora chamou a atenção dos críticos, que aclamaram o seu trabalho como um avanço nos padrões narrativos predominantes no referido século.

Já sendo uma escritora renomada por entre as décadas de 1960 e 1970, Clarice contribuiu para o jornalismo, de forma relevante, por meio das suas ideias e convicções, demonstradas em livro e colunas de periódicos da época. Escreveu os mais variados textos para o *Caderno B*, dentre eles: poemas, bilhetes, cartas, entrevistas e crônicas, sempre buscando dialogar com o seu público, na investida de fugir do lugar-comum e colocar em prática sua consciência social.

E estando Clarice inserida em meio aos líderes formadores de opinião do Brasil, dada a notabilidade, é nessa perspectiva que se faz importante discutir a sua produção literária na época em que publicou, semanalmente, para o *Jornal do Brasil*, a saber, entre 1967 e 1973. Diante do seu estilo intimista, com textos que dispunham de uma forte carga poética, cheios de lirismo e questionamentos acerca da vida e dos seus mistérios, tendo a escritora conquistado admiradores no mundo inteiro e, mesmo após a sua morte, bom lembrar que a sua literatura se desdobra em gêneros, e continua viva na contemporaneidade.

Possivelmente, em consequência da sua forma peculiar de revelar os posicionamentos, e na medida em que manifestava uma sensibilidade à flor da pele, não só tocada pela sua dor, mas também pela dor dos outros, a jornalista conquistou um espaço de grande influência sobre os seus leitores. Ao escrever para um jornal de destaque, o seu ponto de vista mais discreto, eventualmente, era analisado com maior atenção por aqueles que ainda não dispunham de um parecer firme em relação aos acontecimentos que acometiam a época da ditadura.

Assim, e com base na atuação de Clarice Lispector como cronista, este trabalho tem como objetivo analisar a contribuição literária da autora para o jornalismo brasileiro, por meio da leitura das crônicas que foram escritas para o *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, mais tarde reunidas na coletânea *A Descoberta do Mundo*, em 1984. Para tanto, serão analisadas duas crônicas: “As crianças chatas”, de 19 de agosto de 1967, e “Daqui a vinte e cinco anos”, de 16 de setembro de 1967, que trazem a temática da fome no Brasil.

O nosso aporte crítico começará, portanto, por um breve percurso histórico da crônica no Brasil. Visto que o gênero é objeto de trabalho do nosso estudo, vamos percorrer a sua trajetória, desde o século XV, a sua etimologia, características e evolução além do tempo, até chegar ao século XXI, e dias atuais. Para tanto, nos fundamentaremos em Sá (1985), tecendo comentários acerca do surgimento da crônica e sua perda de transitoriedade; Moisés (1967), tratando da parte etimológica; Bender e Laurito (1993), com o folhetim e fase de expansão incipiente da leitura no país; Coutinho (1986), através da evolução do gênero; Melo (2003), e sua discussão a respeito dos dois grandes acontecimentos que impulsionaram a evolução do gênero no Brasil; Coutinho (2021), partindo da evolução da imprensa, fator fundamental para a evolução da crônica no Brasil; e Cristiane Costa (2005), com esclarecimento a respeito do folhetim, grande responsável pela formação do público leitor brasileiro.

Não poderíamos falar de crônica e não dar vez aos cronistas que marcaram toda uma época. Por isto, vamos lembrar tantos nomes que fizeram história na literatura através desse gênero. E, entre os nomes que podemos citar, brevemente, fazer menção acerca do trabalho de Machado de Assis, Paulo Barreto (conhecido pelo pseudônimo de João do Rio), Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond, e, por fim, e de forma mais detalhada, Clarice Lispector. Para este fim específico, serão aproveitadas porque importantes para o debate, aqui proposto, as reflexões advindas de Sá (1985), que nos apresenta o seu esclarecimento acerca da contribuição de João do Rio, a fim de mudar o enfoque e a linguagem do folhetim; Candido (1992), e a inovação da crônica a partir de Rubem Braga; e Vivaldi (1979), que discute a respeito da figura do cronista e sua forma particular de escrever.

Em seguida, vamos tecer algumas considerações sobre o elo entre o jornalismo e a literatura, a partir das contribuições de Pena (2006) e Bill Kovack e Tom Rosenstiel (2004), onde tomam nota sobre a história do jornalismo e a origem do seu nascimento; Beltrão (1980), com a importância para a construção das relações sociais, culturais, históricas e políticas de um povo, como também a influência da Literatura no Jornalismo; e Candido (1985), a partir do seu comentário a respeito do elo entre jornalismo e literatura.

A segunda metade do texto apresentará a produção literária de Clarice Lispector: o jornal e a crônica, a partir de uma breve introdução para nortear o/a leitor/a a respeito do que será explanado no capítulo. Nessa discussão, Gotlib (1995) trará a sua contribuição sobre a forma como os editores evitavam, no início de carreira, os textos de Clarice. Logo em seguida, traçamos um percurso histórico sobre o *Jornal do Brasil*, visto que foi nesse periódico que Clarice se consagrou como cronista; e onde foram publicadas as suas 329 crônicas. Lima (2006) nos acompanhará nesse percurso, trazendo breve comentário acerca do

Caderno B, um classificado que fora criado dentro do *Jornal do Brasil*; como também Sodré (1999), tratando sobre a censura da época. Essa nossa pesquisa se utilizará de informações retiradas a partir da revisão bibliográfica da escritora, como também das edições originais impressas, disponíveis na Biblioteca Nacional *on line*.

Dando continuidade ao texto, traçaremos o perfil de Clarice como jornalista, a sua participação em jornais e revistas, desde criança, e as suas contribuições ao longo dos anos, passando pela fase da entrevista e das colunas femininas. As referências usadas nesse debate foram: Borelli (1981), com a discussão acerca da visão dos jornais sobre os textos de Clarice ainda criança; e Moser (2017), a partir de sua consideração sobre o *Jornal do Brasil*. Adiante, veremos o percurso de Clarice como cronista, quando começou a sua trajetória no *Jornal do Brasil*, em 1967. A forma peculiar de escrever as crônicas e as várias observações e questionamentos acerca do seu processo de escrita serão abalizados também a partir do ponto de vista de autores como: Gotlib (2017), a respeito da peculiaridade das crônicas clariceanas; Moser (2017), e sua visão sobre o livro *A descoberta do mundo*; e Borelli (1981), diante das conversas de Clarice e a sua preocupação com as causas sociais.

Por fim, e parte indispensável do nosso trabalho, analisaremos duas crônicas escritas para o *Jornal do Brasil*, no ano de 1967: “As crianças chatas”, de 19 de agosto, e “Daqui a vinte e cinco anos”, de 16 de setembro. Ambas abrangem uma das problemáticas sociais que, segundo a própria Clarice, mais lhe causava revolta: a fome, na cidade do Rio de Janeiro. A contribuição que provém dessa pesquisa se dá pelo encontro e veracidade com que as suas crônicas no jornal assumiram ares de permanência, permitindo as mais variadas leituras; que atestam a historicidade, o sentido dos episódios do cotidiano que a população vive, mas também como experiência literária que concebe uma aproximação com a história social.

2 BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA CRÔNICA NO BRASIL

A crônica é uma narrativa curta, que remonta para nós, numa perspectiva de história da literatura portuguesa, no século XV, com Fernão Lopes, retrata assuntos vinculados ao cotidiano, e possibilita ao leitor buscar uma reflexão crítica perante a vida e a conduta dos seres humanos. No Brasil, o gênero surgiu em meados do século XIX, e tinha as suas produções inseridas nas notas de rodapés dos jornais daquela época, apresentadas através de uma linguagem simples, informal, aproximando, assim, o público do assunto abordado no texto.

De acordo com Sá (1985, p. 8), a crônica surgiu em folhetins, em que textos curtos eram escritos a fim de comunicar aos leitores e leitoras os acontecimentos daquela época. Com o passar do tempo, a crônica foi perdendo sua transitoriedade e passou a conquistar espaço em outros suportes como: revistas, livros, e mais recentemente, *internet*. Segundo Sá (1985, p. 85), há nesse gênero textual uma perspectiva diversificada de recepção, já que o leitor do jornal caracteriza-se por ser mais “apressado”, digamos, enquanto que o leitor do livro é mais seletivo e reflexivo.

Trata-se de um gênero que transita entre a literatura e o jornalismo, e, historicamente, desfruta de uma estreita relação com o tempo, pois que vinculada à etimologia do termo grego *chronikós*, e pelo latim *chronica*. Massaud Moisés descreve a crônica como um acervo de textos narrativos sobre acontecimentos históricos, agrupados em ordem cronológica.

Segundo Moisés (1967, p. 101):

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo ‘crônica’ cedeu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo.

Esse termo tem sofrido modificações com o passar dos anos, que estão alinhadas a questões históricas, sociais e/ou estéticas, todavia sem nunca perder o seu sentido primeiro. O marco, no Brasil, se deu através da Carta de Pero Vaz de Caminha, destinada ao rei D. Manuel, e que, segundo Sá (1985, p. 5) “recria com engenho e arte tudo o que registra no

contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva”. Nesse sentido, Caminha apresenta, ainda que a despeito de uma produção de carta, uma crônica de caráter histórico, relatando sobre feitos, cenários e personagens, a partir da sua observação como narrador.

Em geral, a crônica apresenta um número reduzido de personagens, ou nenhum, narração em primeira pessoa, e um diálogo que se desenvolve entre o cronista e o/a leitor/a, podendo ser incluídos no texto elementos irônicos, ficcionais, emocionais, sarcásticos, entre outros. Algumas singularidades fazem desse gênero um texto híbrido, porque desenvolve aspectos estilísticos de outros gêneros. Nas páginas do jornal, podemos encontrar crônicas descritivas, narrativas, dissertativas, humorísticas, líricas, poéticas, *etc.*, em diferentes tipos de folhetins, como folhetim-romance, romance em capítulos e folhetim-variedade.

Segundo Bender e Laurito (1993, p. 16):

Das duas espécies de folhetins publicados na imprensa do século XIX, a que deu origem ao gênero crônica – tal como o concebemos modernamente – foi o folhetim de variedades. E o que era este...? Nos rodapés dos jornais, ao mesmo tempo que cabiam romances em capítulos, também cabia – ainda quando em outras folhas – aquela matéria variada dos fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo.

O folhetim, do francês *le feuillet*, era um espaço de entretenimento nos rodapés dos jornais franceses, e posteriormente adotado para outros países. E estando ligado, portanto, a uma fase de expansão incipiente da leitura no país, podemos afirmar que a crônica no Brasil tem a sua história ligada ao processo de formação de uma literatura nacional, sofrendo conseqüentemente as influências desse período de expansão. Um exemplo está no termo folhetim, que foi o primeiro nome dado à seção em que os escritores comentavam os acontecimentos semanais com os mais variados temas. Com o passar do tempo, esse nome deixou de ser usado e, no seu lugar, admitiu-se definitivamente o uso do termo “crônica”.

A crônica passou pelas mais variadas transformações e, com o surgimento dos diferentes meios de comunicação, que não dependiam da mídia impressa, como rádio, televisão, revista eletrônica, cinema e especialmente *internet*, o número de leitores e leitoras de jornais foi diminuindo, já que os textos passaram a circular por estes novos meios, cabendo então ao jornal passar por uma reorganização. Como destaca Coutinho (1986, p. 119):

Em sua origem, era um gênero histórico. Evoluindo, vestiu roupagem semântica diferente: englobou à narração o comentário; deixou de parte o rigor temporal (o que se passa) da atualidade para fixar-se no seu rigor

filosófico (o que atua). A crônica jornalística é hoje definida com ‘uma composição em prosa, leve, que tenta (ensaia), ou experimenta, interpretar a realidade à custa de uma exposição das reações pessoais do artista em face de uma ou vários assuntos de sua experiência... exprime uma reação franca e humana de uma personalidade ante o impacto da realidade. (É um) gênero elástico, flexível, livre, permite a maior liberdade no estilo, no assunto, no método [...].’

As crônicas evoluíram em modelo e concepção, alcançando mais autonomia em literatura. Ou seja, os textos deixaram os rodapés dos antigos jornais, e, com o objetivo sempre de alcançarem os leitores e as leitoras, encontraram espaço próprio de produção e visibilidade, se consolidando, por fim, enquanto gênero literário.

Historicamente, para nós, herdeiros da literatura europeia, e de Portugal, sobretudo, nos séculos XIV-XV, período que vai do final da Idade Média e início da Idade Moderna, o gênero crônica teve o seu primeiro registro e, conseqüentemente, importância para a história. Fernão Lopes (1380/1390-1460), funcionário da coroa real e cronista-mor da Torre do Tombo, por ordem do rei D. Duarte, registrava todas as ações do soberano, e se encarregava de repassar os acontecimentos para o povo lusitano. Vale ressaltar que, essa ordenação do rei, além de constituir um fato histórico para o país, contribuiu para dar mais especificidade ao gênero na história da literatura naquela nacionalidade.

Naquela época também surgiram as narrativas dos viajantes, as crônicas de viagem no século XVI, como ficaram conhecidas, em que foram descritas as descobertas das novas terras. Esse tipo de texto era bastante comum entre os europeus, interessando para nós, especialmente, os registros sobre o Brasil, através dos escritos de Pero Gandavo, Gabriel Soares de Souza e Fernão Mendes Pinto, e ainda a famosa carta de Pero Vaz de Caminha, já citada. Nesses escritos últimos, Caminha descreve o novo mundo, em princípio chamado de Ilha de Vera Cruz, hoje Brasil.

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe a matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível. [...]. Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva. [...]. A história da nossa literatura se inicia, pois, com circunstância de um descobrimento: oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica (SÁ, 1985, p. 7-8).

Na segunda metade do século XIX, o Brasil viveu ideais de movimentos que agitaram as elites culturais da época. Muitos acontecimentos importantes, campanhas abolicionistas e republicanas, crescente industrialização e urbanização, um cenário relevante como formador de opinião da sociedade brasileira. Nesse cenário, o jornalismo obteve uma significativa participação, atuando de forma incisiva nas polêmicas do país. Foi através dele que a crônica adquiriu a sua face conhecida, inicialmente originária da França e, em seguida, habituando-se em terras brasileiras.

A crônica destinada ao *folhetim* fixava-se numa seção em que os/as leitores/leitoras se deparavam com escritores comentando, em linguagem bem acessível, os acontecimentos diários, e para leitores/as de todas as classes. Obviamente o gênero difere hoje dos recortes de antigamente, passando por muitas transformações. Mas até se estabelecer como literário, assim o descreve Melo (2003, p. 153):

Era uma seção do jornal dedicada a assuntos variados – uma espécie de “bazar asiático” – reunindo comentários sobre os mais diferentes assuntos. [...]. Uma seção de miscelânea, que quebrava a rotina e o estilo pesado do jornal tradicional. Pouco a pouco, porém, o folhetim foi assumindo a característica que o tornaria um gênero autônomo no nosso jornalismo, desvencilhando-se da seção de variedades. Transmuda-se em crônica.

De acordo com o autor supracitado, a evolução do gênero no Brasil passa a ser impulsionada, simultaneamente, a partir de dois grandes episódios. O primeiro deles foi a Semana de Arte Moderna de 1922, que obteve uma grande repercussão, modificando a linguagem discursiva para a linguagem coloquial. O autor (2003, p. 154) chama atenção, ainda, para esse episódio:

A Semana de Arte Moderna de 1922, que inicia um movimento de brasilidade, levando a nossa literatura, seja na temática, seja na linguagem, a se aproximar da realidade nacional. É sobretudo no plano da linguagem que esse movimento influencia a imprensa brasileira, fazendo-a abandonar o velho estilo discursivo dos bacharéis para descobrir a simplicidade e a clareza da linguagem coloquial. Se a crônica já havia, no final do século XIX, esboçado reação no terreno linguístico, ela não consegue impregnar o jornalismo como um todo. Depois de 1922, não. Observaremos uma mudança nos padrões do estilo jornalístico.

Outro grande fator foi a evolução da imprensa no Brasil, como observa Coutinho (2021), na Enciclopédia da Literatura Brasileira:

Mas a crônica vem a incorporar-se aos hábitos da nossa imprensa quando se deu o desenvolvimento da imprensa, com a sua modernização, quando se adotam as ilustrações a pena e os clichês fotográficos, quando se aumenta o número das edições. Dispondo de maior espaço, o jornal se enriquece de atrativos e com o noticiário, o grave artigo de fundo e a seções ordinárias, transforma a crônica em matéria cotidiana, como recreio do espírito, amável e brilhante cintilação da inteligência.

Como assegura a citação acima, a imprensa foi fundamental para a evolução da crônica no Brasil. E, nesse período, um grande número de escritores brasileiros se dedicou à composição de crônicas, desde Alencar até atingir o apogeu com Machado de Assis. Segundo Cristiane Costa (2005, p. 231-233):

[...] a febre do folhetim não tardou a contaminar a imprensa brasileira. [...]. Esse modelo foi um dos responsáveis pela formação do público leitor brasileiro, e a maioria dos principais escritores nacionais iria publicar seus romances em jornal. O primeiro deles foi José de Alencar, que, convidado por um amigo para ser folhetinista do *Correio Mercantil*, em 1854, passa a assinar a série “Ao correr da pena”. O segundo – mais tarde – seria Machado de Assis.

No Brasil, as primeiras crônicas foram publicadas no *Jornal do Commercio*, em outubro de 1838 e inovou o jornalismo da época. Em janeiro de 1854, José de Alencar publicou o primeiro folhetim no *Correio Mercantil*, da série “Ao correr da pena”, com um aspecto mais semelhante aos dias de hoje, comentando com sutileza as ocorrências da semana. Posteriormente, em 1861, Joaquim Manuel de Macedo criou o famoso *flâneur*, o andarilho que conversa sobre tudo o que vê pelas calçadas.

No decorrer dos séculos, a crônica passou por muitas mudanças, desde a sua estrutura, até a linguagem e conteúdo. No Brasil ela encontra terreno fértil para se constituir como gênero especialmente literário, vale repetir. E essa afirmação se dá pelo fato de que, mesmo sendo um texto aparentemente simples, não esqueçamos que na produção do gênero podemos nos deparar, ainda, com aqueles textos de natureza outra, que não a literária. Embora seja filha do jornal, a crônica ganhou um espaço muito importante nos livros, o que lhe conferiu maior destaque no cenário literário. Podemos constatar assim que a crônica não foi um gênero que nasceu grande, mas, despretensiosa, ela foi evoluindo ao longo do tempo.

Esse gênero há muito tempo circula entre nós, veiculado dos jornais para livros e mais recentemente outros suportes de mídia. Todavia, no que se refere ao aspecto conceitual, podemos dizer que há ainda certa divergência, também, quanto à sua definição. De modo que, grosso modo, podemos dizer que a crônica esbarra entre fronteiras: da Literatura, da História

e do Jornalismo, uma vez que se associa e mantém estreita relação com todas elas. No século XX, a trajetória da crônica literária no Brasil atingiu o ápice, como se sabe, e a figura do cronista passou a ter grande visibilidade sociocultural, o que permitiu por sua vez consolidar a carreira artística de diversos autores e autoras, em atuação literária do final do século XIX, perpassando por todo o século XX.

2.1 CRONISTAS QUE MARCARAM ÉPOCA

A crônica foi responsável por consagrar vários autores e autoras nas páginas dos jornais, e a tarefa do cronista se tornou mesmo uma profissão. Entre eles, José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Aluísio Azevedo, França Júnior, João do Rio, Olavo Bilac, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Gonçalves Dias, Vinicius de Moraes, Rubem Braga, Cecília Meireles, Joaquim Manuel de Macedo, Clarice Lispector, entre outros, que se destacaram também em diferentes campos da literatura, mas tiveram uma significativa participação na história e na evolução do gênero no Brasil. Muitos desses escritores se utilizaram desse meio para se destacar no cenário literário, e, através de uma linguagem objetiva, coerente e coesa, contribuíram para a formação de um leitor crítico reflexivo, escrevendo sobre fatos sociais presentes no dia a dia

Machado de Assis, além de ter escrito romances e contos, foi também um grande cronista do século XIX. Ele deu início à sua trajetória como cronista no ano de 1859, no auge dos seus 20 anos. A sua produção é caracterizada pela metalinguagem, lançando um olhar crítico sobre a burguesia e a sociedade no geral, através de um diálogo direto com o/a leitor/a, que continha doses de ironia e humor. Todos esses traços o aproximaram dos cronistas modernos que, mais tarde, viriam a aperfeiçoar o gênero na literatura brasileira. Foi na revista de literatura e artes *O Espelho*, que ele escreveu as suas primeiras crônicas, as *Aquarelas*, numa trajetória que durou, exatamente, quatro décadas, já que se manteve nessa produção até 1900.

Durante todo esse período, Machado contribuiu para o *Diário do Rio de Janeiro* (1860-1867), *O Futuro* (1862), *A Semana Ilustrada* (1876-1878), *Ilustração Brasileira* (1876-1878), *O Cruzeiro* (1878) e *Gazeta de Notícias* (1883-1897). Os seus textos, em sua maioria, propunham um pouco de mistério, trazendo para os/as leitores/as algum tipo de enigma a ser desvendado. Ao longo do tempo, a crônica machadiana foi se tornando mais estável, abordando muita literatura e pouca política. Um estilo narrativo peculiar!

Ao lado de Machado também caminha Paulo Barreto, que fora conhecido pelo pseudônimo de João do Rio. Ele ficou famoso por passear pelas ruas do Rio de Janeiro buscando informações para elaborar os seus textos. Sá (1985, p. 9) afirma que com esta atitude, João do Rio acabou por mudar o enfoque e a linguagem do folhetim, consagrando-se como o cronista mundano por excelência, pois deu à crônica uma roupagem mais literária, criando personagens e acrescentando um toque ficcional a seus relatos, fazendo com que a crônica se aproximasse do conto (SÁ, 1985, p. 9).

Nascido em 1881, escrevia em primeira pessoa, e assinava com mais de dez pseudônimos, um fato muito comum no campo da imprensa, até se transformar em João do Rio. Ele alcançou a condição de grande jornalista ao publicar “*As religiões do Rio*”, reportagem para a *Gazeta*, em 1904. Aos 25 anos buscou adentrar na Academia Brasileira de Letras, porém não obteve sucesso. Insubmisso à institucionalidade segue assim o seu trajeto a representar os bairros e subúrbios cariocas, questão que amava fazer.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua (RIO, 2002, p. 3).

O fato idiossincrático nele caracteriza-se como um tipo de *flâneur*, cuja arte mimetiza andar pelas ruas observando tudo e todos. E o *flâneur* João do Rio termina por transmutar-se na voz anônima das ruas. O autor ainda escreveu peças de teatro, chegando a fazer muito sucesso nas casas teatrais cariocas. Conseguiu ser eleito para a Academia Brasileira de Letras e publicou artigos sobre a Guerra e a situação do Brasil naquela época.

Na década de 1930 surge Rubem Braga, num período em que a crônica, definitivamente, se firma no Brasil. De acordo com Antônio Candido, ele seria “o cronista”. Com Braga a crônica vai sofrer inovações e deixar de ser comentário para virar uma aparente “conversa fiada” (CANDIDO, 1992, p. 17). As crônicas de Braga transitam entre uma linguagem simples e comunicativa, ora se aproximando de uma prosa lírica, ora de uma prosa

ficcional. É mesmo uma conversa com o leitor, um bate papo entre amigos, ou a experiência de um narrador que conta histórias.

Rubem Braga entra para a história da crônica, exclusivamente, como cronista. É considerado o mais subjetivo dos cronistas brasileiros, o mais lírico, a figura que mais atrai atenção, talvez, quando o assunto gravita por esse gênero literário. Os seus textos possuem temática simples, em que os pequenos prazeres da vida se tornam grandes tesouros para a literatura. Através de extensa sensibilidade e humildade, ele humaniza as suas histórias, nos fazendo perceber e refletir sobre a importância dos breves instantes. Ele faleceu no ano de 1990, aos 77 anos, deixando mais de 15 mil crônicas escritas, sem dúvida que um recorde de produção.

A partir do ano de 1945 surge Rachel de Queiroz (1910-2003) e sua participação na revista *O Cruzeiro*. Assim, entra para a história da Literatura Brasileira antes dos vinte anos, com a publicação do romance *O quinze* (1930), ela não se considerava romancista, mas que os romances surgiram como uma forma de exercitar a sua produção para o jornal: a crônica foi o gênero com o qual ela trabalhou durante toda a sua vida. Segundo Vivaldi (1979, p. 137): “o bom cronista impõe sempre a sua própria técnica, seu modo pessoal de escrever”. De fato, o que de mais geral pode-se falar sobre a crônica de Rachel, é que a partir da originalidade de um fato, ela tece os seus comentários, e deixa sempre o seu ponto de vista para os leitores que, constituintes dessa recepção, parecem consentir com a autora.

No jornalismo, Rachel colaborou com o *Diário de Notícias*, *O Cruzeiro* e em *O Jornal*. Ela escrevia sobre temas sociais, e afirmava que era “jornalista acima de tudo”. A sua participação para a *Cruzeiro* durou 30 anos, e conservou a sua liberdade de escrever sempre como quis e onde quis. No ano de 1958 publicou uma seleção de *100 crônicas escolhidas* por ela mesma. Ao todo, soma-se um total de mais de duas mil crônicas publicadas, e, assim, tornou-se a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras. Ela faleceu em 4 de novembro de 2003, aos 92 anos, vítima de um infarto.

Outra grande expressão literária do século XX foi Carlos Drummond de Andrade. E ainda que seja muito conhecido como poeta, ele também perpassou pelo conto e pela crônica. Sendo que a crônica foi o pontapé que o consagrou com um dos mais importantes nomes da literatura brasileira. Foram, aproximadamente, 2300 crônicas publicadas para o *Jornal do Brasil*, durante quinze anos. Drummond validou o dialogismo entre jornalismo e literatura, uma vez que tomou para si o gênero como objeto literário.

Foi o jornal que abriu as portas para Drummond em todas as fases da sua vida, e nele também publicou o seu primeiro texto, o poema “Onda”. Em suas crônicas podemos observar

sempre uma leveza e lirismo, que são típicos da poesia. O seu texto simples, reflexivo, buscava distrair os leitores e leitoras, em meio a tanta notícia pesada, de tristeza e dor. Faleceu em 1987 e deixou o seu legado como um de nossos maiores escritores.

Ao longo da história, a crônica foi sofrendo o impacto da evolução do jornal, e os cronistas precisaram se reinventar e acompanhar todas essas fases. Nas décadas de 50 e 60 do século XX, a crônica no Brasil atingiu um dos seus melhores momentos, mas logo foi perdendo espaço a partir da década de 70, passando a ser malvista devido ao avanço da repressão da ditadura militar. Desse modo, muitos escritores tiveram dificuldade de se manter no mercado jornalístico e, outros, porém, conseguiram se fincar nas páginas com renome. Um deles foi Clarice Lispector.

Nascida em 10 de dezembro de 1920, Lispector é conhecida por seu estilo mais intimista, através de uma narrativa intensa, voltada para o psicológico do ser humano. Publicou suas crônicas para o *Jornal do Brasil*, na coluna aos sábados, entre agosto de 1967 e dezembro de 1973, e hoje grande parte desses textos estão reunidos nos livros *A Descoberta do Mundo* (1984) e *Aprendendo a Viver* (2004). Clarice foi uma das contribuintes para a valorização do gênero, escrevendo em primeira pessoa e, na maioria das vezes, assumindo um tom de confissão. Nos seus textos podemos dar destaque para conteúdos voltados à fome e à miséria em diversas regiões do país, sendo grande parte deles ambientada no Rio de Janeiro.

Clarice Lispector ganhou o título de cronista somente aos 46 anos, após publicar cinco romances e dois livros de contos. Nenhum cronista teve a ousadia de se expor tanto como fizera, e mesmo com tanta notoriedade, nunca reuniu a sua coletânea de crônicas em um livro, o que aconteceu apenas após a sua morte. Neste trabalho iremos desenvolver uma reflexão mais detalhada e profunda sobre a vida, as obras, e, de forma especial, as crônicas dessa escritora que tanto contribuiu para o jornal e para a nossa literatura brasileira.

2.2 O ELO ENTRE JORNALISMO E LITERATURA

Há hesitação quanto ao nascimento do jornalismo. Os Estudiosos da Comunicação acreditam que foi na pré-história, através dos sinais de fumaça e expressões gestuais, que os primeiros traços jornalísticos começaram a se revelar. Felipe Pena (2006, p. 26), no entanto, afirma que “os relatos orais são a primeira grande mídia da humanidade”. Já Bill Kovack e Tom Rosenstiel (2004, p. 37) descrevem que “com o fim da Idade Média, as notícias surgiram na forma de músicas e relatos, nas baladas cantadas pelos jograis ambulantes”.

É certo que, de uma maneira ou de outra, o jornalismo exerceu grande influência para a construção das relações sociais, culturais, históricas e políticas de um povo. Isso se dá pelo fato de que o homem sempre teve interesse por buscar informações, o que propulsionou a funcionalidade do jornal, que, além de informar e orientar, ainda possuía a função de entretenimento. A princípio existem duas formas de se fazer jornalismo: o jornalismo informativo, que tem por base a informação, como o próprio nome já sugere; e o jornalismo opinativo, que se baseia, pela mesma lógica, na opinião.

E de um modo geral, Beltrão (1980, p. 18) exemplifica:

Profissional no sentido contemporâneo, significando o limite em que o jornalista se move, circulando entre o dever de informar (registrando honestamente o que observa) e o poder de opinar, que constitui uma concessão que lhe é facultada ou não pela instituição em que atua. Político no sentido histórico: ontem, o editor burlando a vigilância do Estado, assumindo riscos calculados nas matérias cuja autoria era revelada (comments); desviando a vigilância do público em relação às matérias que aparecem como informativas (news), mas na prática possuem vieses ou conotações.

De modo preliminar os jornais passavam a se preocupar com os lucros, e assim as opiniões iam perdendo espaço para as notícias informativas e as publicidades. Jornalismo e literatura passam a se entrelaçar quando, movido pela necessidade de cumprir com a demanda das reportagens informativas, surge a figura do jornalista que busca inspiração na literatura para escrever sobre fatos reais. Muitos escritores, já tendo possuído notoriedade artística, também usaram o trabalho na imprensa para aprimorar as suas estratégias literárias, angariando mais leitores; por intermédio deles mais visibilidade para as suas histórias; e, conseqüentemente, para os seus nomes.

Beltrão (1980, p. 32) relata, a esse respeito, que:

[...] foi justamente no século XIX que a influência da Literatura no Jornalismo tornou-se mais visível. O casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos. Só que os livros eram muito caros e não podiam ser adquiridos pelo público assalariado. A solução parecia óbvia: publicar romances em capítulos na imprensa diária. Entretanto, esses romances deveriam apresentar características especiais para seduzir o leitor. Não bastava escrever muito bem ou contar uma estória com maestria. Era preciso cativar o leitor e fazê-lo comprar o jornal do dia seguinte. E, para isso, seria necessário inventar um novo gênero literário: o folhetim.

No Brasil, são publicados na imprensa, como folhetim, clássicos da nossa literatura, muito conhecidos atualmente, tais como: *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, (1852-1853), *O guarani*, de José de Alencar, (1857), e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (1911), entre outros. Desde então, jornalismo e literatura se aproximaram cada vez mais, iniciando-se também uma relação de estima e/ou ainda de aversão entre os gêneros porque, embora possuam características eventuais em comum, sobretudo quando se fala de crônica ficcional, não esqueçamos que a rigor de especificidade seus discursos apresentam singular distinção.

Ademais, vale ressaltar o que seja a literatura, ainda que brevemente, para se definir essa relação. Tomamos por base uma reflexão de Candido (1985, p. 51), quando diz:

A arte, e, portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade.

A verdade é que jornalismo e literatura podem caminhar juntos, andarem lado a lado, ainda que cada um em sentido próprio. Pelo que foi apresentado, podemos adiantar que o escritor, ao criar uma narrativa ficcional, há nela um comprometimento com o que é agradável para quem lê. A literatura busca, ainda, produzir o insólito (fantástico), o grotesco, o estranho, etc. E enquanto a literatura se empenha na transformação daquilo que é real, o jornal, diferentemente, para este se encaminha.

Há inúmeros autores que procuram reafirmar valores tradicionais, que apostam na ideia de conservação e não de transformação. Ex: Alencar (em relação à escravidão), alguns modernistas de direita (Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia), do movimento Verde-Amarelo, de inspiração fascista, e o próprio Nelson Rodrigues, que defendeu o golpe civil-militar de 1964.

3 A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CLARICE LISPECTOR: O JORNAL E A CRÔNICA

O final da década de 50 e início da década de 60 é marcado por um período muito difícil na vida de Clarice Lispector, tanto de forma pessoal como profissional. Após enfrentar uma separação, e estando sozinha com dois filhos, ela se encontra ainda diante da dificuldade para editar os seus livros. Gotlib (1995, p. 310) descreve: “Os editores a evitavam como a praga”. Consequência das críticas que acompanhavam a sua obra, adjetivada como “metafísica” e “hermética”.

Com o passar dos anos, mesmo em meio às críticas, os textos de Clarice foram ganhando destaque, e, no ano de 1958, ela recebeu o convite para publicar na *Revista Senhor*, esta que marcou época na imprensa brasileira, sendo lançada apenas em 1959. O seu primeiro trabalho para a revista foi o conto “A menor mulher do mundo”, obra que deu início à sua importante contribuição para o jornalismo, que prosseguiu até o ano de 1964, quando, em meio à desordem que o país vivia sob a influência governamental, a revista fechou.

Durante cinco anos, o periódico reuniu uma série de textos de grandes escritores da nossa literatura, em especial, as novelas de Guimarães Rosa, “*Meu tio, o Iauaretê*” - março de 1961, e “*A história do homem do pinguelo*” - março de 1962, e Jorge Amado, com *As duas mortes de Quincas Berro d'água* - junho de 1959, entre outros nomes importantes, como Rubem Fonseca e Clarice Lispector publicando frequentemente os seus contos.

Logo após a sua participação na *Revista Senhor*, Clarice começou a construir a sua carreira nos jornais e revistas. Dentre elas, podemos destacar a sua colaboração para o *Jornal do Brasil*, entre 1967 e 1973, trabalhando como cronista. Há por entre as crônicas, um diálogo textual evidente com a sua obra literária, já que, sempre atenta e introduzida às tendências do seu momento histórico, narra em primeira pessoa, muitas vezes, assumindo um tom confessional. Clarice nem sempre foi uma escritora clássica, e, sendo mulher, necessitou adentrar num mercado bastante competitivo, em meados do século XX.

3.1 HISTÓRICO SOBRE O JORNAL DO BRASIL

Nessa pesquisa será abordada a história do *Jornal do Brasil* desde a sua criação até meados do século XX, nos anos de 1967 a 1973, período que abrange o recorte deste trabalho. Para tanto, todas as informações foram obtidas na revisão bibliográfica e na consulta das

edições impressas, disponibilizadas pela Biblioteca Nacional online. É importante considerar a relevância das informações retiradas do próprio jornal, visto que, a partir delas, foi viável comentar as características gráficas de tudo o que foi citado, e comprovar as informações disponíveis na bibliografia tradicional.

O *Jornal do Brasil* nasceu quase dois anos após a Proclamação da República, em 9 de abril de 1891, fundado por Rodolfo de Souza Dantas, ex Ministro do Império – 29º Gabinete, 1882. Essa data foi priorizada em razão do 60º aniversário do *Te Deum* - hino litúrgico católico conferido a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho, que se inicia com as palavras “Te Deum Laudamus” (A Ti, ó Deus, louvamos) – por razão da nomeação de D. Pedro II como Imperador. Sob a direção de Dantas, a gerência de Henrique de Villeneuve e a chefia de redação de Sancho de Barros Pimentel, o Jornal originou-se do sistema monárquico, apesar de contar com toda uma cautela para não sofrer repressão do governo.

Temendo ser liquidado pelas autoridades governamentais, como acontecera com outros meios de informação, o Jornal aderiu a um posicionamento mais criterioso com relação à sua luta ideológica. Porém, em junho de 1891, com Joaquim Nabuco como chefe da redação, um grande acervo foi publicado fortalecendo as críticas ao regime de governo. “O jornal foi ameaçado e mesmo assim continuou com a campanha criticando a adesão ao novo regime” (SODRÉ, 1999, p. 44).

Em 16 de dezembro do mesmo ano, o Jornal foi agredido, após dar destaque nas colunas à morte de Dom. Pedro II, sob mandato de matar a Nabuco. Diante da negação do governo de conceder proteção aos jornalistas, o periódico entrou em crise, passando por novos proprietários, direção e redação, até o ano de 1893, quando Ulisses Viana assumiu a redação, declarando-se imparcial e abraçando uma postura inovadora, aderindo a uma seção feminina, exibida aos domingos, destinada ao cinema. Ainda em 1893, sob nova direção, a de Rui Barbosa, líder republicano, o Jornal se mostrou a favor da República. Quando ocupou a redação, Rui retirou o Z do Brasil, trocando-o por S no título do Jornal, e, como grande novidade, houve um excelente progresso para o Brasil, quando foi permitida a divulgação das notícias internacionais nos mais notáveis jornais brasileiros.

A partir do início da Revolta da Armada, em 6 de setembro de 1893, Rui Barbosa fez uma nota no jornal em que atacava os partidos de Floriano Peixoto, e, sob revolta, Peixoto declarou o fim da liberdade de imprensa. O *Jornal do Brasil* só foi liberado a retornar aos trabalhos em 15 de novembro de 1894, quando anunciou o fim da monarquia. De fato, a partir dessa nova fase, ele se voltaria para temas mais populares: notícias policiais, informações sobre problemas urbanos, etc.

Esse dia também foi marcado pela posse do primeiro governo civil da República: Prudente de Moraes. Iniciou-se assim outra fase do jornal, que perdurou por um longo período. Com uma produção mais inovadora para a época, com redação de Fernando Mendes de Almeida, agora o periódico contava com várias reportagens, propaganda diária da agência *Havas*, e seção do jogo do bicho, que gerou grande interesse dos seus leitores. Podemos perceber até aqui que o curso do *Jornal do Brasil* foi-se modificando a partir de características políticas e comerciais.

A datar de 1900, o jornal deu início a publicações diárias para todo o Brasil, a partir das 15 horas, e dispunha de seções como: “Seção Religiosa”, “Palcos e Salões”, “Folhetim Literário”, “Queixas do Povo”, “Coisas de Política”, “Sport”, “Carnaval”, “A Bicharada”, “Telegramas”, “Seção Forense”, “Modinhas Populares”, “Seção de Moda”, entre outros. Versátil, anunciava imagens, valores, cobertura das festas populares, e elementos da sede da República, tornando-se o mais importante jornal da época.

Em 1902, chegou a fase das inovações editoriais, com a impressão dos romances policiais em quadrinhos: texto e ilustrações. Vale ressaltar que um fator marcante do *Jornal do Brasil*, durante esse ano, foi o reconhecimento das caricaturas, que eram publicadas diariamente. Questões políticas e problemas nacionais também foram temas que chamavam a atenção do público, tornando-os grandes formadores de opiniões. Aos domingos eram resumidos todos os eventos da semana, com grande destaque, que deixava o jornal mais interessante.

Já sendo bastante estimado pela população, em 1905 o jornal conquistou nova maquinaria. Após passar por problemas financeiros, em vista da edificação de uma nova sede na Avenida Central, no ano seguinte, passou a publicar uma página inteira de anúncios classificados. Adiante, em 1910, quando despontou a Revolta da Chibata, o periódico deu total cobertura ao acontecimento, em que os marinheiros exigiam melhores condições de vida e o fim dos castigos corporais. Foi durante essa fase que o *Jornal do Brasil* passou a ser reconhecido como uma instituição mais informativa do que de opinião, passando a ser bastante criticado por tamanha preocupação.

Em 1919 o jornal mais uma vez ganhou um novo proprietário, Pereira Carneiro, logo após as dificuldades que foram deixadas pela Primeira Guerra Mundial. Carneiro buscou dar destaque às seções literárias e artísticas, assinadas pelos integrantes da Academia Brasileira de Letras. Ele prezava pela discricção, sempre preocupado em nunca apresentar nenhuma campanha que pudesse oferecer riscos ao jornal. Apesar de tamanha atenção a essas questões, o *Jornal do Brasil* declarou apoio a algumas candidaturas presidenciais, por exemplo: Nilo

Peçanha - 1922, e Washington Luís – 1926, sempre mantendo uma posição mais sóbria dos seus conteúdos. Contudo, em 1930, com a eclosão da Revolução, o jornal foi impossibilitado de continuar os seus trabalhos e fechou as portas por um período de quatro meses.

Após a reabertura, o jornal conservou uma boa relação com o governo, embora em alguns momentos, de forma mais contida, ainda apresentasse notas sobre a campanha de reconstitucionalização do país e sobre a revolta paulista. Já em 1934 declarou apoio à Constituição, e José Pires do Rio foi convidado para ser diretor-tesoureiro, a fim reestruturar as ações financeiras, ainda recuperando-se da última grande crise pela qual o jornal passou. No entanto, Pires defendia o afastamento dos literatos, optando por transformar o jornal num “boletim de anúncios”, o que ocasionou na perda da notoriedade que havia conquistado ao longo dos últimos anos.

Independentemente dessa ação, as páginas não deixaram de comentar sobre os episódios políticos mais relevantes da época, como os movimentos de esquerda e a Revolta Comunista de 1935. Durante o Estado Novo, o periódico manteve uma relação agradável com o Departamento de Imprensa e Propaganda, e demonstrou empatia à política econômica de Getúlio Vargas, até a luta de redemocratização, em que mesmo apresentando contradição ao regime, apoiou a sua campanha eleitoral, pela forte amizade de Vargas e Pires.

A década de 1950 se iniciava, e o jornal passou por grande reforma. Após a morte de Pires e Carneiro, a viúva Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro desempenhou o papel de diretora, e promoveu uma remodelação do *Jornal do Brasil*. A princípio, obtendo ferramentas gráficas, oferecendo melhores condições técnicas. Durante esse período de mudança, o jornal se manteve bem moderado em relação às notícias importantes da época, pronunciando-se apenas após o suicídio de Vargas, e dando total apoio ao novo governo.

Em 1956 foi criado o *Suplemento Dominical*, por Reinaldo Jardim, um caderno de variedades e espaço destinado aos cronistas, cineastas, poetas e novos autores. Esta nova fase do jornal foi um sucesso, uma grande inovação, em que as atividades jornalísticas dialogavam com o contexto social da época. Também foi estruturada por Odilo Costa Filho, coordenador do jornal na época, uma nova equipe composta apenas de jornalistas jovens. O que resultou no crescimento do noticiário e, conseqüentemente, do número de páginas.

Já no ano seguinte, em março de 1957, foi publicada a primeira fotografia, logo na primeira página, considerada uma mudança significativa para o jornal. Outro passo importante foi a estruturação da página de esportes, apresentando uma nova roupagem das fotos e das matérias. Nesse mesmo ano, o jornal ainda declarou aversão ao governo Kubitschek, denunciando-o por corrupção.

Após a saída de Odilo e de alguns jornalistas, em 1958, no ano seguinte apareceram as primeiras mudanças gráficas no corpo do jornal. Assim, a partir de 1960, os classificados foram divididos em *Caderno C* e *Caderno B*: este último voltado para as artes no geral. O *Caderno B* apresentava notas sobre o cotidiano, arte, música, literatura e teatro, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Para Lima (2006, p. 74):

A experiência desse segundo caderno consolida transformações gráficas conquistadas durante a reforma, e, ainda mais, valoriza o conteúdo das colunas infringindo a pretensa objetividade pregada para as notícias engessadas pela forma norte-americana do lide e sub-lide e pelas regras dos manuais de redação. O Caderno B transmite, neste sentido, o mesmo espírito do novo presente na reforma da imprensa brasileira do final da década de 1950. E não é por inexistir qualquer vínculo direto com as artes novas que seria menos vanguardista do que o Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. Ambos procuraram exercer no meio jornalístico um papel pioneiro, desenvolvendo técnicas, idéias [*sic*] e conceitos novos, tidos como avançados em sua época. Embora a maioria dos jornais circulassem com segundos cadernos, é justamente essa característica que faz do B o pioneiro dentre os contemporâneos.

Todas essas modificações garantiram que o jornal voltasse a ser visto com bons olhos por seus leitores, e, em 1961, com a admissão de Alberto Dines, estabeleceu-se, de fato, o que foi chamado de “reforma do *Jornal do Brasil*”, incentivando a reconstrução de outros periódicos. Como podemos observar, ao longo dos anos, desde a sua criação, o jornal se envolveu em muitas “guerras” políticas. Em 1961, por exemplo, contra o governo de Jânio Quadros e a reforma cambial, o que resultou na suspensão da Rádio Jornal do Brasil, e a posse do vice-presidente João Goulart, após renúncia de Jânio, passando a sofrer os efeitos causados pela censura, que suspendeu até 90% das suas matérias; dentre outras.

De forma mais discreta ou não, todas elas resultaram em impactos importantes que ajudaram a tecer a história do jornal. Em de março de 1964 veio o golpe militar e toda a produção padeceu com a censura e repressão. “Todas as produções culturais lutaram para resistir à censura, mesmo em meio a tantas perseguições: literatura, cinema, música e teatro, todos cercavam-se de muitas incertezas” (SODRÉ, 1999, p. 82).

A proposta para esse breve histórico sobre o *Jornal do Brasil*, limita-se entre 1891, ano da sua criação, e os anos de 1967 a 1973, período em que Clarice Lispector contribuiu, semanalmente, para o *Caderno B* do periódico. A escritora já havia participado de outros trabalhos dentro do jornalismo, como veremos nos capítulos seguintes. E, em 19 de agosto de 1967, passou a fazer parte do quadro de jornalistas que escreviam para o jornal.

Já sendo uma escritora premiada na época, a presença de Clarice no *JB* foi algo marcante. Com gêneros e temas diversificados, Clarice caminhava entre crônicas, poemas, entrevistas, cartas, bilhetes e, ainda, anúncio de jornal. A sua participação no jornal durou quase sete anos, e ela se despediu da coluna com uma crônica intitulada “Apenas um cisco no olho” – 29 de dezembro de 1973.

E de repente aquela dor intolerável no olho esquerdo, este lacrimejando, e o mundo se tornando turvo. E torto: pois fechando um olho, o outro automaticamente se entrefecha. Quatro vezes no decorrer de menos de um ano um objeto estranho agrediu meu olho esquerdo: duas vezes ciscos não identificados, uma vez um grão de areia, outra um cílio. Das quatro vezes tive que procurar um oftalmologista de plantão. Da última vez que perguntei àquele que realiza a sua vocação através de cuidar por assim dizer de nossa visão do mundo: por que sempre o olho esquerdo? É simples coincidência? Ele respondeu que não. Que, por mais normal que seja uma vista, um dos olhos vê mais que o outro e por isso é mais sensível. Chamou-o de olho diretor. E este, por ser mais sensível, prende o corpo estranho, não o expulsa. Quer dizer que o melhor olho é aquele que é a um só tempo mais poderoso e mais frágil, atrai problemas que, longe de serem imaginários, não poderiam ser mais reais que a dor insuportável de um cisco ferindo e arranhando uma das partes mais delicadas do corpo. Fiquei pensativa. Será que é só com os olhos que isso acontece? Será que a pessoa que mais vê, portanto a mais potente, é a que mais sente e sofre? E a que mais se estraçalha com dores tão reais quanto um cisco no olho? Fiquei pensativa. Pois como eu ia dizendo, lembrei do Ano-Novo, assim, de repente. Desejo um 1974 muito feliz para cada um de nós. (DM¹, 1999, p. 478)

3.1.1 Clarice Jornalista

A trajetória de Clarice Lispector na literatura começou na década de 30, no Recife, ainda criança, com forte influência no jornalismo. O *Diário de Pernambuco* recebia todos os dias textos do seu público infantil, e os selecionava para serem publicados na seção *Diário das crianças*. Clarice escreveu o que possivelmente seriam os seus primeiros textos literários, porém, as suas histórias nunca foram escolhidas. Borelli (1981, p. 66) destaca: “[...] eram apenas anotações de suas sensações”. E não foram reconhecidos como histórias para crianças.

Somente em março de 1940, já no Rio de Janeiro, Clarice publica o seu primeiro conto – “Triunfo” - para a revista *Pan*. Desde então, entre pausas e recomeços, permaneceu conectada ao jornalismo, em jornais e revistas, exercendo as funções de contista, tradutora, repórter, entrevistadora e cronista. No entanto, é através da crônica que a produção

¹ Livro *A Descoberta do Mundo*, Clarice Lispector, 1999, e será sob a anotação dessa sigla que a ele nos referiremos em nota daqui pra frente.

jornalística mais se aproxima da sua produção literária. Não deixando de encontrar nos demais trabalhos, as marcas de si mesma e da sua escrita. Apesar do seu ingresso no jornal ter início diante de questões financeiras, Clarice nunca deixou de entregar aos seus leitores a sua visão peculiar sobre os mais diversos temas. Contudo, essa experiência gerou grandes benefícios para si, uma vez que, gradualmente, foi aperfeiçoando o seu estilo.

Durante esse tempo, assinou algumas entrevistas e textos como ela mesma, Clarice Lispector, e também deu voz a pseudônimos, com trabalhos produzidos para o público feminino. No ano de 1952, como Tereza Quadros, escreveu para a revista *Comício*; entre 1959 e 1961, como Helen Palmer, para o *Correio da Manhã*, numa coluna denominada *Correio Feminino – Feira de Utilidades*; e, entre 1960 e 1961, como *ghost writer* da atriz Ilka Soares para o *Diário da Noite*. Toda essa produção voltada para as mulheres só aconteceu nesses três momentos, pois, naquela época, os textos não apresentavam grandes questões sobre o papel da mulher no corpo social. Adiante, entre 1967 e 1973, assumiu a sua função de cronista no *Jornal do Brasil*.

Enquanto entrevistadora da revista *Manchete*, a datar de maio de 1968, Clarice levava aos seus entrevistados, interrogações que também eram suas, como o sentido da vida e do amor. Embora não gostasse de ser entrevistada, ela se sente muito à vontade no papel de quem questiona, e são muitas das suas observações que dão o pontapé inicial para uma pergunta. Era sempre uma confidência sobre situações do seu cotidiano; era Clarice sempre presente por entre os trechos da entrevista.

A realidade é que Clarice criava um ambiente tranquilo, íntimo e muito particular nas suas entrevistas. Os diálogos podem ser associados a diversos momentos de seus personagens em romances e contos - à busca de si mesma através do outro. Podemos observar claramente tal fato no trecho de uma entrevista com o escritor Alceu Amoroso Lima:

- Dr. Alceu, uma vez eu o procurei porque queria aprender do senhor a viver. Eu não sabia e ainda não sei. O senhor me disse coisas altamente emocionantes, que não quero revelar, e disse que eu o procurasse de novo quando precisasse. Pois estou precisando. E queria também que o senhor esclarecesse sobre o que pretendem de mim os meus livros. - Você, Clarice, pertence àquela categoria trágica de escritores, que não escrevem propriamente seus livros. São escritos por eles. Você é o personagem maior do autor dos seus romances. E bem sabe que esse autor não é deste mundo...
- Qual a saída para o intelectual no regime subdesenvolvido? (LISPECTOR, 2007, p. 50).

É notório que, através da pergunta que é feita, Clarice busca através do outro uma investida de descobrir a si mesma. Esse recurso revelar-se-á mais tarde em outros escritos da autora, pois grande parte das suas obras são baseadas em interrogações. Um grande número dessas entrevistas foi publicado em 1975, no volume *De corpo inteiro*.

Durante a participação de Clarice no meio jornalístico, também podemos destacar uma coluna dedicada às mulheres, para o *Comício*, que apresentava dicas, diálogos, inquietações e questionamentos. As personagens exibiam os seus próprios desejos, vontades, opiniões e características. O convite para adentrar as páginas femininas, partiu do amigo Rubem Braga, e, embora interessada, isto causou-lhe certa inquietação. Clarice temia manchar a sua imagem de escritora, ou ainda, de mulher de diplomata, uma vez que deveria dialogar com os leitores sobre a vida da mulher comum. Assim nasceu o pseudônimo de Tereza Quadros, uma mulher que escrevia textos voltados para a mulher casada e o seu cuidado para com o lar, na coluna *Entre mulheres*, sempre num tom descontraído, como de conversa. A seção não durou muito tempo, somente dezessete edições, sendo exibida no ano de 1952.

Como já foi citado anteriormente, Clarice realizou outros dois trabalhos para a imprensa no final da década de 1950 e início da década de 1960. Inicialmente, a colaboração para com o *Correio da manhã* deu-se entre os anos de 1959 e 1961, sob o pseudônimo de Helen Palmer. A coluna intitulada *Correio feminino – Feira de utilidades*, era menos refinada que a primeira, trazendo em muitos dos seus textos, propagandas com dicas de beleza sobre os produtos Pond's, marca patrocinadora do jornal.

Se você está com a pele ressequida, minha amiga, com essa aparência que nos desgosta tanto porque junta sempre alguns anos a mais na nossa idade, procure um bom creme especial e use-o diariamente, à volta dos olhos e nos pontos onde as rugas estão se acentuando, fazendo leves massagens. Escolha qualquer desses cremes à base de lanolina umedecida, porque esta penetra mais rápida e profundamente na pele, sendo, portanto, mais eficaz que a lanolina comum. E nada é melhor que a lanolina para o ressecamento da pele (LISPECTOR, 2018, p. 205).

Apesar de não se referir diretamente à marca, em alguns textos pode-se observar uma nota acerca de um produto específico, o Creme S, à base de lanolina umedecida. Uma estratégia para atrair a atenção feminina à necessidade de adquirir um item indispensável para a sua rotina de beleza. Clarice foi fundamental para essa realização!

Posteriormente, em 1960, a convite do jornalista Alberto Dines, Clarice entra para o *Diário da noite*, com uma coluna também direcionada ao público feminino – *Só para mulheres*. Agora, como *ghost writer* de Ilka Soares, uma famosa modelo e atriz do Brasil, ela

ingressa no jornal ao lado de jornalistas e nomes populares da época, como o jogador de futebol Milton Santos, e a cantora Maysa. A coluna teve duração de quase um ano, e, durante esse tempo, Ilka e Clarice trabalharam lado a lado: Ilka com os recortes da moda e Clarice com o texto, sempre mantendo o diálogo a respeito dos temas propostos. Em resumo, todas as figuras femininas que foram utilizadas por Clarice para assinar os seus textos para o jornal, contam com o mesmo interesse e conteúdo: a mulher dos anos 1950 e 1960, como mãe, esposa e dona de casa.

O público para o qual essas colunas foram escritas é bem distante da imagem da mulher atual. Os textos tratavam de beleza, sedução, técnicas para manter o casamento, casa, culinária, filhos, etiqueta, cosméticos, moda. Um detalhe importante sobre Clarice, é que apesar de escrever protegida sob pseudônimos, toda essa temática também fazia parte do seu próprio cotidiano, sempre evidenciando a beleza e a elegância em equilíbrio, uma vez que, frequentemente, deixava claro que existiam assuntos mais importantes para destacar. Em algumas crônicas, escritas mais tarde para o *Jornal do Brasil*, ela manifesta certo entusiasmo em escrever para mulheres. Essa temática também pode ser observada em suas novelas e contos: *A vaidade de Lóri*, em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969); e *Macabéa*, em *A hora da estrela* (1977), contrariando todos os padrões.

Conforme citado anteriormente, a colaboração de Clarice para o jornal não se limitou apenas às entrevistas e colunas femininas. Entre 19 de agosto de 1967 e 29 de dezembro de 1973, desempenhou a tarefa de cronista para o *Jornal do Brasil*, “[...] o jornal mais prestigioso do país” (MOSER, 2017, p. 486). Numa coluna veiculada no “Caderno B”, aos sábados, somando 329 crônicas por ela produzidas.

3.1.2 Clarice Cronista

Em 1967, quando começou a escrever para o *Jornal do Brasil*, os textos de Clarice já eram muito conhecidos. Enquanto cronista foi-se expandindo a sua popularidade, e a escritora começou a ser reconhecida pela crítica literária. Nesse primeiro momento, a crônica era um gênero de ampla notoriedade, e o Jornal também procurava atrair um bom público. Embora tenha aceitado o convite para escrever na coluna aos sábados, suas crônicas a todo instante apresentavam questionamentos sobre a sua própria condição de cronista. Por exemplo, no texto “Máquina Escrevendo” (crônica de 29 de maio de 1971), Clarice Lispector aponta:

Sinto que já cheguei quase à liberdade. A ponto de não precisar mais escrever. Se eu pudesse, deixava meu lugar nesta página em branco: cheio do maior silêncio. E cada um que olhasse o espaço em branco, o encheria com seus próprios desejos. Vamos falar a verdade: isto aqui não é crônica coisa nenhuma. Isto é apenas. Não entra em gênero. Gêneros não me interessam mais. Interessa-me o mistério. Preciso ter um ritual para o mistério? Acho que sim. (DM, 1999, p. 347).

De acordo com Gotlib (2017): “a peculiaridade das crônicas clariceanas reside no fato de que desafiavam a própria instituição do gênero crônica e dos gêneros jornalísticos”. É possível observar que Clarice usa da sua condição de cronista no espaço jornalístico para escrever sobre os mais variados temas, e responder as diversas perguntas que sempre cercaram a sua carreira, como a natureza do escrever, um exercício metalinguístico que a autora repete ao longo de toda a sua carreira, e ainda sobre os diversos mistérios que circundam a figura da escritora.

O livro *A descoberta do mundo*, datado de 1984, foi publicado pelo filho da autora após a sua morte, e reúne todas as crônicas escritas para o *Jornal do Brasil*. O título é sugestivo, uma vez que, para Clarice, a crônica é um gênero que se pode investigar, e, em cada uma delas, seria possível descobrir o mundo. Toda essa obra pode ser lida como “o que Clarice deixou de mais parecido com sua autobiografia”, de acordo com (MOSER, 2017, p. 488). Já que a forma como ela constrói o seu texto, bem distante das noções do gênero, relaciona-se com o seu próprio processo de criação.

Enquanto publicava para o *Jornal do Brasil*, os textos de Clarice não se encontravam correlacionados às notícias diárias, mas traziam muito da sua ficção, da poesia do cotidiano. Em alguns, por exemplo, podemos observar um número de episódios bem superficiais, como os encontros com os seus colegas, os comentários dos seus filhos, e ainda, as conversas que tinha com os taxistas, afastando-se da narrativa impessoal, mas demasiadamente literária.

Como declarou várias vezes, Clarice não simpatizava por escrever crônicas: primeiro pela particularidade do gênero que lhe causava certo desconforto, depois pela limitação da sua liberdade de criar. Ela sempre se descreveu como escritora amadora, e, mesmo que não tivesse certo entusiasmo, o seu comprometimento com o jornal garantia a sua escrita regularmente. Ainda aproveitou de muitos textos publicados na imprensa, como as entrevistas que produziu para a revista *Manchete* e alguns textos das colunas femininas. No entanto, para o *Jornal do Brasil*, esses textos apareciam de forma mais aprimorada e reflexiva.

Em *A descoberta do mundo*, livro que reúne todos esses trabalhos, a escritora se diz incapaz de escrever crônicas, debate a respeito do gênero, e cita outros cronistas, com os quais

buscava aprender. No entanto, Clarice não consegue fugir dos seus dramas pessoais, e isso lhe causava certa inquietação, por isso a menção a outros escritores, entre eles, Rubem Braga, um grande amigo. A crônica “Ser cronista”, que fora publicada em 22 de julho de 1968, apesar de extensa, exemplifica, de forma significativa, como a autora julgava essa produção:

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto. Na verdade eu deveria conversar a respeito com Rubem Braga, que foi o inventor da crônica. Mas quero ver se consigo tatear sozinha no assunto e ver se chego a entender. Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos. Quando combinei com o jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo. Um amigo que tem voz forte, convincente e carinhosa, praticamente intimou-me a não ter medo. Disse: escreva qualquer coisa que lhe passe pela cabeça, mesmo tolice, porque coisas sérias você já escreveu, e todos os seus leitores hão de entender que sua crônica semanal é um modo honesto de ganhar dinheiro. No entanto, por uma questão de honestidade para com o jornal, que é bom, eu não quis escrever tolices. As que escrevi, e imagino quantas, foi sem perceber. E também foi sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco daqui em breve de publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo. Outra coisa notei: basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo o mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, mesmo sem sentir, o modo de escrever se transforme. Não é que me desagrade mudar, pelo contrário. Mas queria que fossem mudanças mais profundas e interiores que então viessem a se refletir no escrever. Mas mudar só porque isto é uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor assim o quer? Divertir? fazer passar uns minutos de leitura? E outra coisa: nos meus livros quero profundamente a comunicação profunda comigo e com o leitor. Aqui no jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradado. Vou dizer a verdade: não estou contente. E acho mesmo que vou ter uma conversa com Rubem Braga porque sozinha não consegui entender. (DM, 1999, p. 112-113).

Há em *A descoberta do mundo* muitos outros textos em que Clarice discute sobre o seu processo de escrita: “Escrever para jornal e escrever livro” – 29 de julho de 1972; “Escrever” – 2 de maio de 1970; “Persona” – 2 de março de 1968; entre outras. Sendo a crônica um tipo de texto que se volta mais para a personalidade, Clarice, em algumas delas, apresenta-se como personagem de si mesma, principalmente cumprindo o seu papel de escritora. Não como um diário ou anotações de fatos corriqueiros, mas apresentando toda a sua evolução na escrita e experiência enquanto colaborou com a imprensa carioca.

Através das crônicas, os seus/suas leitores/leitoras puderam conhecer o seu estilo e pensamentos, ainda que apresentasse certa distinção do jornal, embora não como um todo. A verdade é que Clarice nunca conseguiu mascarar uma de suas versões: a necessidade de

adotar outras personalidades, dando-lhes vida e independência. Podemos observar a crônica “Perguntas grandes” - 29 de março, de 1969:

Pessoas que são leitoras de meus livros parecem ter receio de que eu, por estar escrevendo em jornal, faça o que se chama de concessões. E muitas disseram: “Seja você mesma.” Um dia desses, ao ouvir um “seja você mesma”, de repente senti-me entre perplexa e desamparada. É que também de repente me vieram então perguntas terríveis: quem sou eu? como sou? o que ser? quem sou realmente? e eu sou? Mas eram perguntas maiores do que eu. (DM, 1999, p. 180).

Essas interrogações sempre acompanharam a literatura de Clarice Lispector, seja nas colunas femininas, nas entrevistas, nos romances, nos contos, e também nas crônicas. Vale ressaltar que os seus textos, sempre ditos incompreensíveis por muitos, foram ganhando destaque a partir das edições das crônicas nos jornais e revistas. Os seus escritos foram adquirindo formatos mais atuais, característicos do gênero, contribuindo para melhor compreensão de sua obra. Na função de cronista, a escritora vê-se mais conectada aos seus leitores, em que se pode encontrar a natureza da sua arte, através de um gênero híbrido, complexo, e com função deveras significativa para o entendimento da sua produção como um todo.

Ao longo da sua trajetória, Clarice foi questionada e criticada por não se interessar pelas causas sociais. Poucos são os textos em que essa abordagem é relatada pela escritora, porém não significa dizer que esse assunto não fazia parte de suas preocupações pessoais. Antes de se tornar escritora, Clarice cursou Direito, e, apesar de nunca ter exercido tal profissão, sempre se mostrou fervorosa defensora da classe menos favorecida; a fome e a pobreza, continuamente, causavam-lhe grande revolta.

Borelli (1981, p. 53) escreveu:

Outra quase obsessão de suas conversas: o não saber expressar-se de um modo ‘literário’ sobre o ‘problema social’. Coisa que, de resto, seu romance *A hora da estrela* veio desmentir. A verdade, porém, é que tudo o que se refere à questão social sempre esteve presente em sua vida. Ela jamais conseguiu apagar da memória a imagem da miséria nordestina, ou melhor, a pobreza do Recife, principalmente a que até hoje se concentra nos mocambos dos mangues recifenses. Ela própria dizia que os problemas da justiça social despertavam nela um sentimento tão básico, tão essencial que não conseguia escrever sobre eles. Era algo óbvio. Não havia o que dizer. Bastava fazer [...].

Essa inquietação acerca dos problemas sociais também se torna visível em algumas crônicas publicadas para o Jornal do Brasil. Dessa forma, visto que a matéria da ficção clariceana é voltada para aquilo que é humano, suas dores e angústias, esse trabalho propõe apresentar a contribuição literária de Clarice Lispector para o Jornalismo, sob o olhar de duas crônicas voltadas para a temática da fome: “As crianças chatas” e “Daqui a vinte e cinco anos”, como veremos a seguir.

4 LEITURA DAS CRÔNICAS “AS CRIANÇAS CHATAS” E “DAQUI A VINTE E CINCO ANOS”

A partir da leitura do livro *A Descoberta do mundo* - 1999, que reúne boa parte das crônicas publicadas por Clarice Lispector para o *Jornal do Brasil*, podemos observar que, em algumas delas, a preocupação social da cronista é evidente, principalmente no que diz respeito à fome e à miséria. A temática de interesse se desenvolve na segunda metade do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, apesar da autora fazer referência também a outras regiões. Nessa época, o Brasil vivia num cenário de Ditadura Militar, e as publicações eram sempre fiscalizadas, podendo até levar à censura daquelas que fossem julgadas indiferentes à orientação do governo.

Verifica-se que, nessas crônicas, Clarice trata sobre diversas “fomes” - a de comida e a de saberes, que inclui a necessidade de se ter uma cultura popular que ensinasse a população a reivindicar direitos. A forma como esse assunto é abordado ao longo das crônicas vai-se diferenciando, à medida que em algumas crônicas a temática aparece como tema principal, e, em outras, em aspecto momentâneo. São elas: “As crianças chatas”, de 19 de agosto de 1967, “Daqui a vinte e cinco anos”, de 16 de setembro de 1967, “A entrevista alegre”, de 30 de dezembro de 1967, “Teosofia”, de 13 de dezembro de 1969, “Comer, comer”, de 16 de novembro de 1968, “As caridades odiosas”, de 6 de dezembro de 1969, e “Eu tomo conta do mundo”, de 4 de março de 1970.

Enquanto cronista, Clarice se posicionou frente aos assuntos atuais, por vezes de forma mais reservada, em outras, objetiva. Utilizou-se de um híbrido entre o jornal e a Literatura, onde permitiu que ela não fugisse da origem literata. Assim, foram consideradas algumas características de indivíduos e/ou tipos sociais, a escritora assinalou um determinado número de visões estereotipadas, independente que, de modo geral, escapasse do estereótipo sem seu linguajar.

Apesar das crônicas citadas acima tratarem da mesma temática, dois desses textos foram escolhidos como base para essa pesquisa: “As crianças chatas” e “Daqui a vinte e cinco anos”, por serem aqueles que apresentam maior destaque em relação à preocupação da escritora diante da realidade vivida pelo Brasil na época: os sérios problemas econômicos, o aumento do custo de vida, a inflação, e, conseqüentemente, o seu desejo de melhores condições de vida para todos. Para Clarice, “havia algo muito mais importante ainda: oferecer oportunidade de ter comida a quem tem fome” (LISPECTOR, 1999, p. 60-61). Isso porque,

privados daquilo que é básico à sobrevivência humana, o povo brasileiro estaria franzino demais para reivindicar direitos no que tangem às manifestações culturais.

“As crianças chatas”

Na crônica intitulada “As crianças chatas”, de 19 de agosto de 1967, Clarice propõe acreditar que toda a angústia retratada no texto é mera ficção, e manifesta toda a sua inabilidade de tratar da situação:

Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome. Ela insiste: durma. Ele diz: não posso, estou com fome. Ela repete exasperada: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? – pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertos. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam no ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta. (LISPECTOR, 1999, p. 9).

Essa crônica nos apresenta duas narrativas: o diálogo entre dois personagens – mãe e filho – e a narrativa da origem do episódio – a fome. Quando o narrador busca fazer uma leitura particular daquilo que “é real”, é tomado pela “revolta” que esse cenário lhe causa. É na relação entre essas duas situações que se concebe a crítica literária em contrapartida com a conjuntura da sociedade brasileira da época.

A tônica de Lispector está na compreensão de que as mulheres e as crianças são aquelas que mais padecem em decorrência das desigualdades sociais. Já que a realidade sempre pareceu chegar de forma mais dolorosa pra eles, especialmente para a classe mais pobre. E a sociedade como um todo se mostra despreocupada em entender os sintomas e buscar soluções para a verdadeira doença do povo, o “câncer da fome”.

A situação retratada acima se passa “na noite negra”, que pode ser entendida como uma noite qualquer do cotidiano, assim como uma metáfora em relação à cor dos que mais sofrem com a desigualdade. E a condição de insistência da criança ao experimentar a dor da fome, é o que provoca a irritação da mãe. Na época, existia um grande desalinho entre a realidade e a moralidade oficial. Se por um lado havia a defesa da mulher dona de casa, aquela que “só” cuidava do lar e dos filhos, por outro, existia grande necessidade da figura feminina adentrar ao mercado de trabalho e ajudar nas finanças.

Como já vimos, a camada social mais prejudicada com isso era sempre a mais carente, e, nessa condição, muitas mulheres eram obrigadas a criar os seus filhos, sozinhas, sem um cônjuge para ajudar no sustento, submetendo-se a trabalhar em casa de família, com um mísero salário. Um fato importante a se mencionar é que, na *Descoberta do mundo*, poucas crônicas apresentam a figura paterna, que é totalmente ignorada. Na condição de mãe, sentindo a dor do filho e, provavelmente, a sua própria dor, a irritação é considerável, visto que esse combate só se abrandava, brevemente, com o silêncio e o cochilo de ambos.

Essa progressiva irritação da mãe pode ser entendida como a dor de, certamente, não ter condições de matar a fome do filho. Embora haja ausência de dados que comprovem esse conflito, o acontecimento exibe o desamparo e a escassez que, historicamente, chega a grande parte da população brasileira. É através dessa e de outras ocorrências que Clarice denuncia a dura condição de vida dos menos favorecidos.

Na crônica, o narrador-escritor aparece em 1ª pessoa, e também se mostra indignado pela cena real que ele visualiza o que ocasiona uma ausência que ele mesmo não aceita: uma fome de revolta. Assim sendo, Clarice nos chama atenção para o posicionamento de incômodo entre aquele que denuncia, mas não consegue solucionar aquele problema que dá origem a ela.

O final da década de 60 disponibilizou de muitos elementos que motivaram Clarice a escrever sobre a temática da fome. Na época, o Brasil vivia sob uma ditadura militar que fora implantada em 1964, e a fome era um assunto muito observado pelos movimentos culturais para descrever a situação do Brasil e discutir sobre o posicionamento da época. Desde então, o mundo inteiro passou por grandes transformações, tanto tecnológicas, como políticas e sociais, mas a problemática da fome ainda permanece.

Um tema deveras atual, em média 260 milhões de pessoas enfrentam problemas com insegurança alimentar no país, de acordo com dados da ONU. Diversos fatores contribuem para essa estatística, como: o desemprego, a inflação, as causas naturais, a ausência ou redução das políticas públicas, a pandemia da Covid-19 também é considerada um fator relevante para o aumento desse número, e, nesse sentido, essa conjuntura repercute de forma ainda mais dramática, porque essa pandemia foi vivida dentro de um contexto de subtração de direitos.

Nas crônicas de Clarice, essa problemática surge em mais de um momento como um sentimento de intolerância, algo desagradável e urgente. Como veremos na crônica a seguir, Clarice dá ênfase a esse conteúdo, reafirmando a importância do comprometimento da classe política no assunto.

“Daqui a vinte e cinco anos”

Na crônica “Daqui a vinte e cinco anos”, de 16 de setembro de 1967, Clarice reflete sobre o futuro do Brasil, e expressa o seu desejo de como o país poderá estar 25 anos depois daquele momento, desejando, inclusive, que o problema da fome tenha sido resolvido:

Perguntaram-me uma vez se eu saberia calcular o Brasil daqui a vinte e cinco anos. Nem daqui a vinte e cinco minutos, quanto mais vinte e cinco anos. Mas a impressão-desejo é a de que num futuro não muito remoto talvez compreendamos que os movimentos caóticos atuais já eram os primeiros passos afinando-se e orquestrando-se para uma situação econômica mais digna de um homem, de uma mulher, de uma criança. E isso porque o povo já tem dado mostras de ter maior maturidade política do que a grande maioria dos políticos, e é quem um dia terminará liderando os líderes. Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais. Mas se não sei prever, posso pelo menos desejar. Posso imensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer (LISPECTOR, 1999, p. 33).

Para Clarice, no cenário em que se encontrava, a fome era o problema mais urgente a ser resolvido. E ela acreditava mais na maturidade da população para tal, do que nos líderes políticos da época, compreendendo que qualquer movimento “caótico” que acometesse a sociedade, seria necessário para se conseguir alcançar uma situação econômica mais digna para todos.

Na crônica, *a priori*, um indivíduo faz o questionamento à escritora sobre como estaria o Brasil em 25 anos (seria em 1992), e ela, em toda a sua humildade, revela que não saberia calcular nem mesmo o que aconteceria em 25 minutos, e descreve o seu desejo de imaginar outra realidade para os brasileiros, enxergando-os sob uma perspectiva mais otimista, quando o problema mais imediato, o da fome, pudesse ser resolvido bem antes do que em 25 anos.

Diante da difícil tarefa de pensar no Brasil tantos anos dali em diante, a esperança da autora mantém relação com a situação econômica do país, e com a mensagem que ela deseja transmitir aos seus leitores. Na época, em tempos de Regime Militar, era frequente no jornal o

anúncio da inflação e do aumento do custo de vida. Quando ela cita: “Daqui a vinte e cinco anos o povo terá falado muito mais”, quer deixar claro que para se opor a conduta do governo, seria necessário erguer a voz, protestar, reivindicar respostas.

Na crônica, Clarice fala sobre a falta de dignidade humana, dando a entender que a fome é o resultado de um governo que provocou uma enorme desigualdade das classes sociais: baixos salários, as condições de desigualdade que não ofereciam ao povo outra opção senão se aglomerar nas periferias, os movimentos de migração no país, a abolição que gerou uma massa ainda maior de miseráveis, muitos deles se vendo obrigados a viver sob o jugo da escravidão, por não terem outra saída. Essa tentativa de camuflar a realidade nunca agradou a escritora, que ao decidir escrever sobre o assunto, põe em discussão a situação da vida em que vivia a comunidade mais carente.

A problemática da fome é classificada como uma doença quase sem remédio, como uma endemia, e essa dimensão é tamanha, que chega a ser comparada com o câncer. Todo esse destaque dado à situação só demonstra o pesar de Clarice perante a inatividade das autoridades e da classe burguesa. Vale reforçar aqui uma parte da crônica em que a escritora prova entender a fome num sentido mais amplo: “na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome” (LISPECTOR, 1999, p. 33).

Nesse sentido, podemos definir um contraponto com a crônica “A Entrevista alegre”, de 30 de dezembro de 1967, em que Clarice fala do direito de “reivindicar comida”. Dito isso, especialmente, sobre o fato de sua compreensão acerca da fome física, à fome cultural e cognitiva. Quando uma sociedade se encontra faminta, não consegue adquirir forças para lutar em busca dos seus direitos morais. Para Clarice, o povo brasileiro se achava faminto em todos os sentidos.

Nessa perspectiva, e a partir das análises das duas crônicas propostas para o nosso trabalho, podemos constatar que Clarice Lispector possui o perfil de uma cronista que além de entender e dar importância a assuntos tão relevantes, também conduz o seu leitor a ter maior interesse pelos mais variados temas, especialmente aquele que afeta de forma positiva o seu modo de pensar a partir das relações sociais urbanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas de Clarice escritas para o *Jornal do Brasil* contribuem, de forma significativa, para os estudos ao longo da história do jornalismo. Isso porque se voltam de forma diferente a um outro plano das inquietações do dia a dia, vividas de forma coletiva por toda a população brasileira, mediante as ocorrências da época. No campo jornalístico, aqueles que tinham aproximação com a escritora e estudavam sobre o *Caderno B*, enxergavam-na como cronista literária, possivelmente porque não considerassem que ela participava do seu tempo através de um olhar jornalístico.

Todas as justificativas que foram dadas a respeito do seu ingresso no jornal tiveram relação somente à sua dificuldade financeira. A verdade é que Clarice escrevia para um caderno que fora reconhecido por outros periódicos brasileiros, tratando dos mais variados temas, sempre em forma de debate e crítica. Podemos considerar assim que a sua colaboração foi muito importante, pois seus textos sempre apresentavam traços de um olhar jornalístico, quando abria debate sobre as emoções vividas pela população brasileira na época.

A partir da leitura das duas crônicas propostas, podemos observar que, através delas, Clarice faz um alerta ao leitor, convidando-o a voltar a sua atenção para a sociedade e para a tamanha falta de dignidade para com as classes menos privilegiadas. Como cronista do seu tempo e do seu país, estabelece a sua brasilidade mediante a *parresia*. Segundo Foucault (2010, p. 42), a origem do termo é grega e tem como significado original a expressão “dizer tudo”, mais frequentemente como sinônimo de “fala franca” ou “liberdade de palavra”, que a incentiva a discutir sobre os mais aguçados temas pelas páginas do jornal.

Embora tenham ganhado espaço no periódico em tempos de ditadura, “As crianças chatas” e “Daqui a vinte e cinco anos” foram escritas para denunciar e abrir os olhos da sociedade mediante a situação de fome em que boa parte dos brasileiros se encontravam. Visto que a sociedade pouco dava importância para esse problema e, para muitos outros, era como se ele nem existisse. E a compreensão de Clarice no que diz respeito aos problemas sociais, de um modo geral, simboliza o elo da humanidade, próximo à compaixão, a partir do qual surgem as crônicas aqui analisadas.

Nas crônicas em questão, podemos observar que Clarice nos faz experimentar de alguns sentimentos, como insegurança, coragem, medo, e revolta, que estão interligados à conjuntura político-econômica do país. Compreendemos que a escritora dispunha de um estilo particular para tratar da temática escolhida. Ela fazia o recorte de todos os episódios da vida cotidiana, e os estruturava para construir os seus textos, dentro do estilo marcado pela

pontuação diferenciada, o uso das metáforas, a elaboração de perguntas e respostas, a forma como dialogava com os enunciados.

O intertexto das crônicas colocadas para análise é de uma escritora que viveu a sua liberdade de expressão de forma restrita, na busca pela sua autonomia, a sua e a do seu povo, em se tratando dos anseios pelas mudanças governamentais, e toda essa influência advinda dos grupos a que ela estava ligada. Estudar essas crônicas em sua esfera jornalística nos permitiu outra leitura de seus textos, que comprovou o seu comprometimento frente aos acontecimentos, e toda a sua solidariedade em relação às temáticas tratadas.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.
- BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudo de história e teoria literária**. São Paulo: Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antonio. A Vida ao rés-do-chão. In: **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 89-99.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COUTINHO, Afrânio. **Enciclopédia da Literatura brasileira**. Dir. J. Galante de Souza. v. I. São Paulo: Ed. Global, FBN e ABL, 2001.
- COUTINHO, Afrânio. **Ensaio e crônica**. In: A literatura no Brasil– relações e perspectivas. Vol. 6. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1986. Cap. 57, p. 117-143.
- Entrevistas. Org. Claire Williams. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros: curso no College de France (1982-1983)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- GOTLIB, Nádía Battella. Clarice Lispector: Jornalista-Escritora ou Escritora Jornalista? Revista Rascunhos Culturais, Coxim/MS v. 9 n. 15 p. 1320. Disponível em: http://revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2019/01/Rascunhos_Culturais_N15__1_.pdf. Acesso em 04.06.2023.
- Jornal do Brasil – 1891. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docmBIB>. Acesso em 28.05.2013.
- JORNAL DO BRASIL** – Biblioteca Nacional Digital. 2015. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-brasil/>. Acesso em: 28 maio 2023.
- JORNAL DO BRASIL**. Caderno B. Rio de Janeiro, 15 set. 1960.
- KOVACK, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. edição, São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- LIMA, Patrícia Ferreira de Souza. **Caderno B do Jornal do Brasil: trajetória do segundo caderno na imprensa brasileira (1960-85)**. 2006. Tese. 281 f. (Doutorado em História Social)

– Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Correio para mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**. 3. ed. In: **Gêneros e formatos jornalísticos**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. p.149-154.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: Prosa II**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. São Paulo: Companhia das Letras. 2017.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo, Contexto, 2006

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Pará de Minas: Virtual Books Online M&M Editores, 2002.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1994.

VIVALDI, Gonzalo Martin. **Gêneros periodísticos**. Madrid: Gredos, 1973.